15.º Ano

Sabado, 15 de Julho de 1922

N.º 734

O DEMOCRATA

—SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO—

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tipografia Social de Procopio de Oliveira, R. Camões—ILHAVO

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
—AVEIRO—

ORDEM PUBLICA

Lisboa esteve de novo ameaçada por outra revolução, que felizmente abortou, mas que não estará longe de rebentar se porventura os processos administrativos continuarem como até aqui e o problema das subsistencias não fôr encarado e resolvido em conformidade com as dificuldades da hora presente.

Como sucéde em todas as revoluções, os conjurados chegaram a distribuir uma proclamação da qual extraímos, para amostra, os seguintes elucidativos periodos:

. . . .

De desgraça em desgraça, de miséria em miséria, de incompetencia em incompetencia, chegámos a este momento, que é o mais terrivel da história de Portugal nos ultimos tempos.

. . . .

As desgraças acumularam-se todas devido á incuria, á incompetencia e ao crime de meia duzia de profissionaes da politica.

. . . .

A Nação está empobrecida pela péssima administração, pelos roubos e crimes constantes, pelo desaproveitamento das suas imensas riquezas.

E, no entanto, Portugal tem recursos para salvar-se e ser grande como outr'ora.

O deficit é assombroso; a Nação não tem dinheiro.

O que vai ser o nosso futuro se a Nação não fôr governada doutra maneira?

Que faz este Parlamento inutil?

Não ha dinheiro senão para as clientelas.

E no entanto, aqueles que ainda sustentam este estado meio anárquico morrem de fome.

. . . .

Portuguêses: é á morte da Patria a que estaes assistindo!

Todos os esforços bem intencionados são sistemáticamente e malevolamente contrariados! Todas as ideias atraiçoadas!

Mas Portugal póde salvar-se. Portugal quere salvar-se!

Só o povo de Portugal póde salvar Portugal!

Levante-se esse povo inteiro num movimento unanime de salvação!

Ponhâmos de parte todas as misérias, libertando-nos dos traidores que nos perdem!

Sem distinção de politica, em nome da Patria e dentro da Republica, levantaremos um movimento de salvação nacional!

Quanto a nós, ficâmos aguardando, mas sem esperança alguma nos dias de felicidade que nos possa trazer a apregoada salvação nacional.

DIPLOMAS

Nem má fé de petulante, nem graça de engraçado. Nem uma nem outra coisa ha cá por casa.

O que neste jornal se mantem é aquilo que se diz e repete: ha cavalheiros que pomposamente se intitulam doutores sem que possuam o respectivo *diploma*. Ora o diploma é que não existe e não existe porque se não prestou a prova a que ele dá direito. Por isso a certidão serve só para alegria do correligionario Bernardo Faisca, Santotisso e quejandos—completamente leigos no assunto.

E a proposito: uma pessoa conhecemos que deseja tambem ver em letra de fôrma a certidão do *exame de Estado*, para professor.

Vá, sr. Barata, já agora tem de mostrar tudo, p'rá gente o avaliarmos...

EM COIMBRA

A Rainha Santa Isabel teve nesta cidade pomposas e atraentes festas ás quaes foram assistir umas poucas de dezenas de milhares de forasteiros que lhe imprimiram desusada animação, movimentando-a e contribuindo para que cada vez mais se tornem conhecidas as belêsas de que é dotada.

A nossa banda José Estevam, sob a regencia de Antonio Lé, fez-se ali tambem notar durante os dias em que executou o seu reportorio, sendo unanimes os elogios a que deu logar a sua apresentação.

Vivamente a felicitamos.

A CARESTIA

Ultimamente tudo tem subido de preço, dificultando cada vez mais a vida dos que trabalham. Os jornaes enchem colunas a protestar, o govêrno anuncia medidas energicas de molde a impedir eficazmente a especulação desesperada por parte dos comerciantes, mas a respeito de resultados que indiquem essa eficacia, nada. Bem querem saber os comerciantes do que o govêrno diz, ou o Parlamento préga. Já estão acostumados á impunidade e portanto para a frente é que é o caminho.

Por este andar ainda nos tiram a pele, se é que não teem em vista coisa de maior vulto ainda.

Notas mundanas

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade os srs. dr. Artur Pinto Basto e Mauuel Antonio Barbosa, de Oliveira de Azemeis.

== *Retirou para a sua casa de Lisboa a sr.ª D. Maria Pereira e Silvo.*

== *Vindo dos Açores, onde é escrivão de direito, é esperado nesta cidade o sr. Luiz de Moraes Sarmento.*

== *Partiu para as termas de S. Pedro do Sul o nosso velho amigo, sr. José Simões da Silva, de Macinhata do Vouga.*

== *Deu á luz uma menina a sr.ª D. Conceição Manso Preto, residente no Porto com seu marido.*

O DEMOCRATA é o jornal republicano de maior tiragem e circulação que se publica na sède do distrito de Aveiro.

Mortos ilustres

Depois do dr. Julio de Matos o dr. Lopo de Carvalho, deixando ambos uma obra grandiosa a assinala-los no campo da sciencia medica, de que eram distintos ornamentos.

A morte, que ninguem poupa, tambem a eles não poupou apezar da falta que fazem.

Simplesmente lamentavel.

Acaso?

Ha acasos que são, muitas vezes, uma prova do cruel destino de certas creaturas.

O gazetilheiro do orgão n.º 2 do democratismo local subscreve as suas *engraçadas* produções com o pseudonimo—*Cuca*.

Cuca foi um pobre idiota que durante a sua existencia vagueou pela cidade em demanda duma codêa.

Pois este *Cuca* do jornalismo é o Cuca da codêa politica. Até é capaz de se deixar albardar para ser alguma coisa...

Mas, ó *Cuca*: nem gazetilheiro, nem metamorfoses, nem transições, nem nada. Não chegas lá...

E' chover no molhado, *Cuca*.

OUTRO

Para *O Despertar*, do Pinheiro da Bemposta, o *Democrata* passou a ser *dementado orgão do defunto regionalismo*.

Como frase de efeito, é o maximo que se pode exigir dum aprendiz de sapateiro.

Queres a vida mais barata?

Trabalha o maximo.
Consome o minimo.
Prescinde do superfluo.
Condena o luxo.

PELA ULTIMA VEZ

Em todos os tempos a serenidade foi um poderoso factor no serviço de quantos são forçados a lutar, quer no campo moral, quer no social, na defesa de principios ou na defesa da verdade, sempre que necessidades imperiosas a isso impelem.

Procuraremos, pois, ser serenos.

Presentemente encontramo-nos nessa situação, que varias razões crearam, embora muito calculada e propositadamente a tenhâmos protelado, porque traçar armas com quem nas mais insignificantes particularidades denuncía má fé e deslealdade, não nos anima, nem nos dignifica. Mas, sem exemplo, e, para que não passe em julgado, livre do mais leve reparo, todo esse crescendo de miserias e de calunias, que se procuram justificar com o emprego retumbante de adjectivos, referencias da santa e virtuosa doutrina dos bispos de Granada, que qualquer badamèco invertidamente aplica aos outros, não nos cala o animo suportar. Assim, com a maxima serenidade diremos da nossa justiça com a convicção arreigada e firme de quem por ela teve sempre o maior culto.

Ora, os *ignorantes* desta terra, no numero dos quaes nos incluimos, no *delicado* dizer do sr. Barata, viram s. ex.ª chegar aqui como qualquer mortal, apresentando apenas uma guedelha crescida e mal cuidada e uma *gabardine*, algo coçada, vestida sempre com a mais absoluta independencia e despreso pelas alterações atmosfericas.

Estas simples notas foram tomadas pela bisbilhotice indigena e a coisa ficaria por aqui quando, com surpresa de todos, o sr. Barata nos surge *influente (!)* eleitoral, provocando comentarios e sorrisos de justificada ironia a sua passagem em automovel de apressada marcha por as ruas da cidade até ao campo, em demanda de votos—ele que mal conhecia ainda os seus colegas do liceu e os seus alunos—para o candidato Barbosa de Magalhães, ao serviço de quem logo poz todo o seu *valor*, que, nesse ponto, é enorme, toda a sua *dedicação*, que è inexgotavel!

Da sua influencia—exclusivamente dela—pode, com ufania, registar o sr. Barbosa de Magalhães o resultado.

Evidenciada com tanto brilho a coadjuvação do sr. Barata e feitas a este as maiores promessas de retribuição e de gratidão—obejectivo principal e unico—ficou o hominho investido das funções inerentes ao cargo de logar-tenente do sr. Barbosa, na doce prespectiva duma lembrança de amisade que o liberte da condenação eterna ao desempenho das funções de eterno professor provisorio, donde não pode passar, nem mesmo com a intervenção do Raul Ferreira de Andrade, ajudante do notario, Adelino Augusto da Fonseca Leal!

Iniciada a marcha triunfal do sr. Barata, tornava e tornava-se indispensavel alguma coisa mais que destaque o enfatuado bacharel, que não doutor, na conquista da sua gloria, que modestamente se resume apenas na obtenção de qualquer logar, bem retribuido, sem duvida, compensador dos *serviços desinteressados á Republica* e *cheios de abnegação* de mais um dos seus filhos, com praça assente no batalhão do comando, doutro não menos seu dilecto filho, republicano já dos bons tempos do Marreca...

Evidentemente quanto mais longe for levada a demonstração do amor aos principios... do sr. Barbosa, mais razão, mais direito á recompensa—que é, como já dissemos, o objectivo exclusivo do especulandrifico bacharel!

Então, aparece o novo orgão democratico, irmão gemeo do velho *Camaleão*, exaltando o partido e cantando as virtudes do chefe!

Duo in carne una!

O jornalsinho, alem de representar um novo imposto para os paes dos alunos matriculados no liceu, e garantir assim um seguro provento, era, sem contestação, um campo mais amplo e mais preciso para os protestos de dedicação e para o registo dos sacrificios pela Patria e pela Republica... por parte, bem entendido, do grande caudilho, coluna inabalavel á qual se pode encostar, sem receio, o inconfundivel ministro dos estrangeiros!

Nesta ancia de serviços, nesta sofreguidão de valimento, surge a ideia do congresso! Ali sim; ali veria o sr. Barbosa de Magalhães com aqueles olhos que já tinham visto os nossos soldados em marcha para o campo da guerra—chorando e rindo, *como num dia de sol a chover*—toda a extensão, toda a magnitude do afecto desinteressado e puro, toda a dedicação alevantada, grande, do sr. Barata!

Quem não estava cego ou alucinado, logo calculou o enorme fiasco, mas não houve razões que demovessem o *entusiasmo* inicial para aquela farça triste e ridicula.

E a farça consumou-se!

Então o sr. Barata, para não desmanchar o conjunto, aproveita um comentario vulgar feito neste jornal—jornal humilde, é certo, mas que nunca cobriu interesses, nem calculadas pretenções de ninguem—e dando a mais completa prova de deslealdade, o mais evidente testemunho de baixeza, lê esse periodo, chama para ele a atenção dos ministros presentes e, cobrindo a sua repugnante delação com o aparente pretexto dum justo e merecido protesto por sua parte, nascido da pureza dos seus principios e do ardor das suas convicções—distinto discipulo da seita de Loiola—coloca os ministros na logica e natural contingencia de nos mandarem querelar!

E todavia um desses ministros, o da Agricultura, foi vexado, apodado de desonesto, acusado de autorisar negocios escuros a favor de conhecidos monarquicos!!!

E' neste ponto que o sr. Barata nos surge em toda a nudez da sua miseria moral. Acusou-nos, onde não nos poderiamos defender, esquecendo da forma mais indigna o principio que aproxima e liga os homens do mesmo oficio, ainda que no campo da mais completa oposição.

Quando em determinada epoca, alguem, que muito prezamos, iludido pelo canto da sereia, que hade iludir tambem o sr. Barata, se afastou da nossa companhia, originando, até, conflitos, isso não obstou a que, mais tarde, num momento em que a Morte se sentára á sua cabeceira, representada por uma doença grave, humedecessemos a pena para, no logar onde o atacámos com tanta energia, consignar o desejo de toda a nossa alma, do intimo do nosso coração pelas suas melhoras, pelo seu salvamento!

Este caso para não citarmos alguns mais.

Mas a tacanha e mesquinha sentimentalidade do sr. Barata, não compreende, não atinge procedimentos desta natureza, e, de aí,

POR OLIVEIRA DE AZEMEIS

DE LANTERNA EM FÓCO

IV

O sr. Manuel de Pinho, clown de plateia barata

A' pressa para não perder tempo e sucintemente para não desperdiçar muito papel e tinta. Quatro traços bastam para lhe gisar o perfil. Com meia duzia de frases se descreve este Calino de edição correcta e augmentada. A configuração exterior da cabeça, que é pequena, e os seus significativos angulos revelam nitidamente que a caixa craneana não está ocupada, ou se o está, não é com coisa de valor. Se, porém, o leitor desconfiar que a natureza quiz encobrir, sob o manto da miseria, um protento, um genio. dêsse ao cuidado, fatigante pela sua extensão, de folhear os processos em que teve interferencia (este homem é solicitador!) ou ler as locaes que tem feito no seu jornal (este homem é jornalista!) para imediatamente ficar convicto de que a natureza não o engana, não foi inimiga como o sr. *Sá-pinho* (alcunha por que é tambem conhecido nesta terra de belezas e vilezas) antes mostrou para com ele compaixão dando-lhe forma humana. O engano foi para o *Sá-pinho* de proveito. Para a sociedade foi mais um encargo, mais uma estopada, mais uma infelicidade, mais uma desgraça. São tantas e tantas as asneiras que ás mãos cheias tem espalhado por onde passou que houve alguem que chegou a admitir que ha tambem o genio da asneira. O sr. Pinho è, realmente, um genio desta especie.

*
* *

O perfil moral não é inferior. Diz a *letra com a careta.* O que ele quer é dinheiro. Ser muito rico é a sua ambição

O seu jornal, coleção de assinaturas, tem em cada coluna, por assim dizer, uma opinião, apezar de em politica dizer, quando a Republica não corre risco, que é *liberal,* mas qué pode mudar e muda de rotulo quando o reino da Traulitania está por cima ou os seus clarins tocam perto o toque de avanço. Nesses momentos até é jornal catolico, como já o declarou no ultimo movimento monarquico do norte do pais. O jornal é fonte de riqueza. Como notario a mesma coisa: ganhar muito dinheiro, refestelando-se nesse logar durante muitos mezes e zangando-se, quando num repelão de justiça, o arredaram da gamela por ser insustentavel, por imoralidade, tal situação degradante.

Berrou, blasfemou, insultou e ameaçou com a sua força politita (!) aqueles que num acto nobre assim procediam. Deixava de ganhar grossa maquia, eis a questão. Se os democraticos conssentissem na permanencia do *Sápinho* no notariado, este prometia-lhes que nas eleições da Camara votava com eles e nas geraes com os evolucionistas ou vice-versa conforme os dirigentes determinassem. E' bem um Castro-Leão, motivo por que os tem defendido e aplaudido. E' soberba a defesa que lhe tem feito como se vê pelo juramento que fez ha dias no tribunal desta comarca.

Interrogado sobre os factos que se passaram no teatro desta vila na Assembleia Geral da Cooperativa a quando da fuga dos Castros Leões. cuja retirada era uma vergonha para quem tem dignidade, tanto disse como desdisse. Embaralhou tanto que ninguem era capaz de fazer a redacção do seu depoimento. Já um pouco impacientes os senhores da Justiça perguntaram-lhe que dissesse afinal o que queria que finalisasse com a atrapalhação Para se justificar saiu-se com esta: *O sr. dr. Albino Reis e o sr. dr. Pinho Rocha não me falaram em nada e eu vim para aqui sem ter pensado nem combinado o que havia de dizer!*

Querem-no melhor? Querem-no mais autentico! Não ha nem pode haver. E' um exemplar que, se fosse remetido a Tolentino, este para não desvalorisar a sua opinião, mandava-o deitar a um poço... de exgotos duma mercantil para ficar guardado num mausoleu de familia.

Lopes d'Oliveira

Medico

Nota—Dr. Albino e dr. Pinho Rocha são advogado e arguido num processo em que sou queixoso e referente ás roubalheiras dos Castros-Leões.

Lopes

---

entre largos gestos e uivos de ficticia revolta,o pedir-nos disfarçada e cautelosamente a cabeça.

O sr. Barbosa de Magalhães fez-lhe a vontade e mal chegou a Lisboa, foi a primeira coisa que no ministerio da justiça tratou.

Arcades ambo!

Mas, como se isto não bastasse, eis que o sr. Barata surge de novo, agora para se regosijar, a bater as palmas e a pretender justificar a denuncia.

Nada, porém, conseguirá.

Quanto ao resto, o sr. Barata ainda estava na massa dos impossiveis, lá para os lados de Vila Raiva, e nós já eramos republicanos, já sofriamos por esse Ideal, já expunhamos a vida e dispendiamos haveres, trabalhando pela Republica.

Nós batalhamos contra os erros da monarquia, mas como não somos sectaristas nem nos encontramos enfeudados a nenhum grupo politico,nem andamos escudados p'a nossa *dedicação* com intuitos reservados,combatemos igualmente os erros da Republica, d'esta traída Republica,joguete nas mãos de monarquicos, como Barbosa de Magalhães. Sim, Barbosa de Magalhães que tendo sido sempre um bom musulmano,como monarquico, nunca poderá ser um bom cristão, como republicano, e por isso não o aceitamos, não nos submetemos á sua chefia visto ser o protector encartado de toda a serie de infamias e de imoralidades que se praticam no país, mas especialmente em Aveiro.

Vamos, pois, ao tribunal, porque não engrandecemos um pseudo congresso que reuniu na primeira sessão 50 pessoasque debandaram, na maior precipitação, ao primeiro estrondo dum morteiro anunciando a chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro; que na segunda sessão, tratou só de elogios mutuos, de acusações vergonhosas e denuncias miseraveis e que na terceira teve uma concorrencia de tantos congressistas ou espectadores quantos poude comportar o camion que conduziu a carga!

Tres ministros!—assopra o sr. Barata, como nota grandiosa e elo quente para provar a importancia da reunião!

Um era o orago do dia e os outros dois, estavam proximos de Aveiro, motivo porque acederam a ser testemunhas de toda essa triste exibição que bem fundo deveria ter calado nos seus espiritos pela pobreza do scenario, diminuto numero de actor-s e miseria do entrecho da peça, ainda por cima mal representada!

Mas onde estavam os oito deputados e quatro senadores dos dois circulos do distrito? Desses todos, nem sinal de vida!

Não. sr. Barata. Isso não foi congresso, não foi nada! Foi apenas uma bajulação, uma subserviencia. Contra os factos consumados não ha argumentos que prevaleçam, nem palafrorio nefelibata que os adultere, nem todos os bispos e todos os dicionarios para que apela! As coisas são o que são na sua eloquente verdade.

E a *querela?* Mais querela, menos querela, pouco importa.

Não será por isso que deixaremos de falar com inalteravel desassombro, como nosso habito sempre foi, quer em frente de grandes e ministros, quer de pequenos e mesmo de professores provisorios...

Registe, sr. Baráta, *para* seu *governo* e *aprenda para* seu proveito.

Se quizer.

NECROLOGIA

Faléceu na preterita quinta-feira á noite, quasi repentinamente, a esposa do sr. José Augusto Rebelo, que desde a morte duma unica filha, que era todo o seu enlevo, ficára sofrendo, minada pelas saudades que ela lhe deixou.

Ao desolado marido as nossas condolencias.

*
* *

Tambem na sua casa de Abrunheira deixou de existir o sr. dr. José Elisio da Gama Regalão, que na comarca de Aveiro exercera as funções de juiz de Direito antes de transitar para a relação de Coimbra.

O cadaver do bondoso magistrado foi sepultado em Montemór-o-Velho, acompanhando-o á ultima morada numerosas pessoas das suas relações e amisade.

Serviço Farmaceutico

Encontra-se amanhã aberta a Farmacia Central.

PARA PONDERAR

... Sr. Director do jornal
O Democrata

Permita-me, sr. director, a liberdade de me dirigir a V., para tratar dum caso que se me afigura bastante perigoso para o desenvolvimento artistico da nossa terra.

E' espantoso como atualmente determinados jornaes de Aveiro falam de trabalhos de ceramica, e como se fazem apreciações tão á vontade, tão sem consciencia!

E' esse o motivo que me força a apelar para V. e expandir o meu sentimento.

E' justo que um pintor de ceramica seja galardoado com a boa critica quando assim o merecer; mas o que presentemente se tem dito, é vergonhoso para todos nós, aveirenses.

Ultimamente, os pintores de cerâmica de Aveiro, são todos artistas de inconfundiveis meritos artisticos! *Todos teem alto valor pela maxima perfeição que atingiram!...*

Que resultados tiramos daqui?

A vaidade desponta, todos (ou pelo menos aqueles a quem faltar bom senso) julgam ter atingido a perfectibilidade atribuida pelos taes jornaes e—adeus ó cerâmica de Aveiro!

O que tem feito a Fabrica da Fonte Nova, a Fabrica Aleluia e a Empreza de Louças?

Do que se tem feito até hoje, ao que é preciso fazer-se, ha uma distancia enorme!, um abismo profundo! Só se vence essa distancia e se transpõe esse abismo, com muitos e assiduos anos de bom estudo.

Todas as vezes que se lê Deck, Chevignard, Paquot e outros. é cada passo que nós damos para a rectaguarda, visto que mais coisas novas aparecem, mais necessidade de estudo se nos depara. Daqui á perfeição vae muito ainda. Disto se devem convencer todos os pintores de cerâmica de Aveiro. Não se julguem artistas colossaes, inegualaveis, sômente porque lh'o disse um inconsciente, porque o não são, de facto; e se algum assim se julga, é de lamentar a sua estupidez.

Tem havido aperfeiçoamento? Sem duvida. Mas entre todos algum conseguiu mais? Não é crivel que nas tres fabricas se chegasse exatamente ao mesmo grau de aperfeiçoamento. Só se seguirmos a teoria do juri do Congresso Beirão do ano passado. em Vizeu, que classificou as três fábricas de Aveiro da mesma forma! E' um absurdo! Entre muitas peças bôas há-de haver uma superior a todas. E desta forma, reconhecido fica que alguma destas fábricas conseguiu mais aperfeiçoamento.

*Era assim que deveriam dizer conscienciosamente os criticos nos jornais, para distinguir o estudo, e não por méra frase de favor classificar qualquer ar*tista de meritos inegualaveis!

Pessoas como os srs. Silva Rocha, Marques Gomes... e poucos mais, que teem competencia absoluta para apreciar o assunto, não dizem, contudo, que Aveiro é um ninho de ninfas artisticas que, como mitos, conseguiram o espantoso! Isso se tem dito por outros termos infelizmente.

Esses homens só sabem aconselhar mais estudo ainda áqueles que demonstrarem interesse pelo desenvolvimento da arte cerâmica.

Quando algum jornalista ideal(!) queira referir este assunto, ouça a opinião desses homens, porque só desses se podem colher opiniões e saber das aptidões dos pintores ceramistas de Aveiro, que de todos se conhece o valor e desenvolvimento.

De resto, sr. Director, todas essas exageradas referencias que tem sido publicadas, cada uma delas represento apenas e vale somente uma sapatada que a industria ceramica desta cidade vae sofrendo no seu desenvolvimento tão preciso para honra de todos nós.

O que todos precisam, mas absolutamente todos, é passar á noite uma ou duas horas á banca da Escola Industrial, porque sem isso e sem uns livrinhos estrangeiros a ajudar o estudo prático nas fábricas... nada feito, e adeus desenvolvimento da cerâmica aveirense. E' para este processo que devem todos olhar, educando, instruindo-se a valer, alheiando-se de tudo que seja o exagero, a inconsciencia e a lisonja seja qual for o seu aspecto ou motivo.

Desculpe-me, sr. Director, mas creia que só o grande amor á verdade e ao desenvolvimento artistico da minha terra, a este desabafo me obrigou.

De V. etc.

Um aspirante a pintor de cerâmica

O Democrata vende-se em Aveiro no *Quiosque Raposo*, da Praça Marquês de Pombal.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 5

== Sucumbiu hoje vitimada pela tuberculose, a esposa do sr. João Paralta.

== Com 23 anos apenas faleceu tambem na Oliveirinha, vitima da mesma doença, o filho Antonio do sr. Manuel Simões Paxão, e na Travessa da Moita uma creança de 5 mezes do sr. Manuel Vieira dos Santos.

== Por noticias da Serra da Estrela sabe-se ter alcançado melhoras o sr. Manuel Tomaz Vieira, que ali se encontra em tratamento.

Muito estimamos que regresse completamente restabelecido.

C.

"O Democrata,,

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Portugal, ano	2$50
Semestre	1$50
Colonias, ano	5$00
Brazil e estrangeiro, ano	10$00
Avulso	$05

Anuncios

Por linha (1.ª pagina)	$40
« (2.ª pagina)	$25
Comunicados	$20

Contagem pelo linometro corpo 8. Permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia dirigida à este jornal deve ser daqui em diante enviada para a Rua Miguel Bombarda, n.º 21.

O gatuno

O GATUNO é, como se sabe, aquele MANUEL DUARTE MAIO, de Verdemilho, que depois de nos ter ROUBADO 11$60 de duas assinaturas do jornal, se atreve a escrever uma série de protervias no *Camaleão*, onde nos pretende enodoar, mentindo como um perro.

Quer o REFINADISSIMO LADRÃO que sejamos como ele. Não o consegue por mais que adultere a verdade, por mais que faça no intuito de nos rebaixar. Já dissemos que tendo sido roubados algumas vezes nunca encontramos LADRÃO egual a este MANUEL DUARTE MAIO, que é um simbolo.

Mas quem ensinaria tanto a esse patêgo, a esse sujo do corpo e da alma, a esse BANDIDO que em tão pouca conta tem a reputação das pessoas dignas? Quem lhe ensinaria tanto?

Alguem nos pede que deixemos o miseravel cujo valor moral e intelectual corre parelhas com o daqueles que lhe publicam as sandices. Não. Nós precisamos que o publico saiba que ha em Verdemilho um LADRÃO, um GATUNO, um FARÇANTE de quem se deve afastar com nojo porque sendo dos mais completos é, ipso-facto, dos mais perigosos.

Manuel Duarte Maio o que merecia era que lhe escarrassemos na cara. Mas esse leproso nem isso vale, como não vale a tinta que gastámos com ele, como não vale, sequer, a ponta dum cigarro bregeiro. Se ligámos importancia ao garoto é tão sómente para repelir a calunia de que esse esterqueiro lançou mão depois de nos ter roubado indecentemente para aderir... ao *Camaleão.*

E está dito tudo. Tudo que é como quem diz o suficiente para que a mentira não adquira fóros de verdade e a calunia se não transforme em virtude pela boca asquerosa desse infame bandalho, que, como um monstro, veio ao mundo para vergonha da humanidade.

O Democrata vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Para evitar demoras na entrega do jornal, a administração de **O Democrata** lembra aos seus assinantes a conveniencia de a avisarem sempre que mudem de residencia.